

“VELHOS” TRANSANTES: SEXUALIDADE, AFETOS, VELHICE E TABU

FABÍOLA PERES DE SOUZA¹;
ADHEMAR LOURENÇO DA SILVA JR.²

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – faloscabi@gmail.com 1

²Universidade Federal de Pelotas – adhemarj@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O texto objetiva discutir a concepção de velhice associada a alguns dos seus estereótipos mais comuns, que doença, inatividade e assexualização dos “velhos”. A própria denominação e classificação de pessoas a partir de determinadas, diversas, faixas etárias está carregada de significados que dialogam com o capitalismo e com os papéis sociais projetados por uma sociedade que busca incansavelmente a eterna juventude. O processo de envelhecimento é acompanhado de ambivalências e nomenclaturas nem um pouco inocentes. Por exemplo, o acesso a aposentadoria e as políticas públicas estão intrinsecamente vinculadas a tais denominações.

O campo de pesquisa sobre a temática está em avanço, assim como o crescimento do número de idosos no Brasil, que deve chegar a 32 milhões até o ano de 2025 (ALMEIDA; LOURENÇO, 2007). Assim, a área da saúde nos campos da Geriatria e da Gerontologia contribuíram e tensionaram ao buscar uma possível definição de envelhecimento. Nossa bibliografia trabalha com a Área da Saúde, Sociologia e Antropologia, pois entendemos que o processo de envelhecer vai além dos aspectos biomédicos: pensar nas representações desta etapa da vida pela lógica dos afetos e da própria sexualidade que ainda, é vista como um tabu, nos encaminha também para tentar compreender a construção de imaginários sobre a velhice.

Os “velhos” transantes são pessoas maiores de sessenta anos autossuficientes e desejantes, embora exista uma sociedade que atue para normatizá-los. São dicotomias que aprisionam corpos e desejos: a “viúva alegre”, ou a “velha perua”, o “velho que não se enxerga” ou o “velho sábio”. Todas categorias que traduzem a construção de um tipo de idoso na linguagem. Em contrapartida, na esteira da idealização, existe o idoso praticante de atividade física que ostenta um corpo resistente às marcas do tempo, viaja, tem acesso a atividades de lazer e cultura.

Este preâmbulo está presente na coletânea “Antropologia, saúde e envelhecimento” (COIMBRA JR; MINAYO, 2011), “O tabu social atrelado a sexualidade dos idosos: uma revisão sistemática” (BARBOSA; COSTA, et.al., 2019); e “Envelhecimento, amor e sexualidade: utopia ou realidade?” (ALMEIDA; LOURENÇO, 2007). Nosso texto não busca concluir o assunto, mas pensar algumas perspectivas sobre um tema que dialoga com um imaginário sociocultural atravessado por ambivalências que não dão conta das especificidades envolvidas no processo de envelhecimento.

2. METODOLOGIA

Fizemos uma pesquisa bibliográfica em que os pesquisadores optaram por ampliar a discussão em torno do envelhecimento, abordando o assunto numa lógica das percepções socioculturais e dos próprios idosos. Assim fez Alda Britto da Motta em "Envelhecimento e sentimento do corpo", acompanhando grupos de convivência de idosos pertencentes as classes média alta e populares, ao longo do texto a autora apresenta a visão dos interlocutores sobre a velhice. Por outro lado, ALMEIDA; LOURENÇO (2007) discorrem a respeito do envelhecimento, sexualidade e do amor nos permitindo vislumbrar uma possível lógica dos afetos. Também se coaduna-se ao tópico o artigo "O tabu social atrelado a sexualidade dos idosos: uma revisão sistemática" (BARBOSA; et. al., 2019) em que a sexualidade está intimamente vinculada à qualidade de vida, mas ainda é vista como tabu, até mesmo pelos idosos .

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pensar velhice é analisar os determinismos atrelados a ela, assim, vivemos em um sociedade que atravessa os "velhos" via discurso bioideológico, grosso modo, idosos não reproduzem a vida, não produzem trabalho ou bens materiais, assim dentro da lógica do capitalismo se tornam uma despesa. Porém, o mesmo sistema que exclui encontrou na segmentação por idades um mercado que "acolhe" a terceira idade, leia-se – classe média urbana que começa a se aposentar – consumidora de produtos e serviços; cursos, festas e viagens . (BRITTO DA MOTTA, 2011). O processo de envelhecimento não está apartado de uma lógica de mercado, são inúmeras incongruências no que diz respeito ao tratamento dispensado aos "velhos", ora identificados como um fardo para os cofres públicos, porém muitos lares brasileiros são mantidos financeiramente por eles. Além disso a indústria farmacêutica, planos de saúde, mercado de serviços encontram neste grupo uma clientela.

Os "velhos" são aprisionados a diferentes estereótipos o que explicita a dificuldade de definir o que é a velhice ? Ela está registrada nos corpos a partir de uma estética, a um tipo específico de comportamento psicológico ou às mudanças biológicas (ALMEIDA; LOURENÇO, 2007)? Conforme Bourdieu "somos sempre o jovem ou o velho em relação a alguém", aqui, talvez, tenhamos um fio condutor que se dá nas relações e na autopercepção, assim,

O 'gestual humano', por exemplo, como ação biocultural – postura do corpo e meio de comunicação instantânea –, é particularmente diferente segundo idades e gerações. No caso dos idosos, isso é enfatizado; o comportamento corporal é demandado de fora, para que se coadune com o modelo cristalizado do preconceito social. Deles não se espera vigor, leveza nem dinamismo. (BRITTO DA MOTTA, 2011, p. 40) .

Não se espera que os idosos tenham uma vida plena em todos os sentidos: aqueles que o fazem transitam numa linha tênue entre o elogio a suas autonomia e disposição, ou a um comportamento associado à disparidade, frases como "isso não é coisa de velho" traduzem parte desse imaginário. Dessarte, quando manifestam os seus desejos sexuais e afetivos são ridicularizados, não é raro a internalização desse discurso:

[...] Em algumas situações, os idosos se excluem das atividades sociais, alegando a idade como pretexto para se vitimarem e se sentirem inúteis perante a sociedade, acreditando também não serem mais capazes de

manter um relacionamento ou de começar um novo. Dessa forma, muitas vezes a sociedade também contribui para que o idoso tenha esta percepção de menos valia, porque as pessoas de mais idade sempre foram imaginadas como aquelas que estão se despedindo da vida [...]. (ALMEIDA; LOURENÇO, 2007, p. 105)

A sexualidade nessa etapa da vida é um tabu a ser analisado e debatido amplamente, bem como, o amor, já que não estamos reduzindo à questão ao intercuro sexual, mas a possibilidade das pessoas “velhas” terem os seus desejos respeitados e, principalmente, realizados. Para enfrentar esses preconceitos, é necessário compreender como esse tabu permanece nas entranhas da ordem religiosa, familiar e social,

No âmbito religioso, existem aspectos proibitivos que impõem ausência de sexualidade para os idosos, que serão tidos como “pecadores”, bem como poderão ser tachados pejorativamente, quando mulher, de vulgar e sem valores pessoais, quando homem, de “velho assanhado”. Quanto à opressão familiar e social, há uma inversão de papéis em que o idoso perde o comando na casa e precisa se readaptar à nova realidade, passando de um sujeito ativo à passividade, à espera da finitude. Além disso, os filhos interpretam a sexualidade na terceira idade como algo depreciativo, sendo sinal de segunda infância ou sinal de demência. (DA SILVA UCHÔA, et. al, 2016, p.940)

A sexualidade engloba uma complexidade de elementos: desejo, erotização, prazer, orientação sexual, amor, tesão, etc. Falar sobre sexo e desmitificar a ideia da assexualidade deveria ser alvo das políticas públicas, já que há um crescimento considerável no desenvolvimento de Infecções Sexualmente Transmissíveis entre essa parte da população. Essa é uma geração não habituada ao uso de preservativos e as campanhas de prevenção são direcionadas ao público jovem, ou seja, o Ministério da Saúde não entendeu ou desconhece a existência de “velhos” transantes. Os dados referentes ao intervalo de tempo 1998 a 2010 apontam para o aumento de 42,8 % de casos de AIDS nesta população, ou seja, negar a sexualidade acarreta em desinformação e sofrimento. (DA SILVA UCHÔA, et. al, 2016).

Elencaria Rozendo da Silva (2015 apud BARBOSA, et. al., 2019, n.p) as práticas desses “velhos”:

[...]as práticas sexuais mais relatadas entre casais heterossexuais em uma amostra de 32 idosos foram, penetração vaginal, sonhos com conteúdos sexuais, carícias e toques. Um estudo publicado no mesmo ano revela em uma amostra de 67 idosos que 27,7% realizam prática sexual em média quatro vezes por mês, além disso 94,4% afirmaram sentir-se satisfeito após a prática sexual (OLIVEIRA, 2015). Corroborando com esses achados, Lopes de Alencar e colaboradores (2016) identificaram em uma amostra de 200 idosos, que 51,5% afirmaram pensar espontaneamente em sexo, e 20% procuravam ter relação sexual com seu parceiro, 6,8% realizavam autoerotização, e 2,1% não responderam. (BARBOSA; et. al. 2019, n.p)

As referências supracitadas apontam para uma reflexão importante no que tange as diversas configurações atribuídas à velhice, quiçá, o melhor termo seria velhices, pois é uma etapa da vida construída no campo das relações pensando em Bourdieu e o relacional está cercado de especificidades e subjetividades que escapam a uma única concepção. Por fim, se acreditamos e preservamos os afetos discutir estas questões, também, é um ato de amor.

4. CONCLUSÕES

A ideia de velhice é uma construção carregada de inúmeras interpretações atravessadas pelo campo bioideológico e sociocultural, até aqui, fizemos um breve arrazoado que permite vislumbrar o cruzamento entre o imaginário atrelado a velhice e o tabu que acompanha a sexualidade dos “velhos”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, T., LOURENÇO, M. L. Envelhecimento, amor e sexualidade: utopia ou realidade ? **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v.10, n.1, p. 101-114, 2007. Acessado em 11 de set. de 2023. Online. Disponível em : <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/bSf8FWZsv845HtGB8z3CztD>

BARBOSA, G. A. COSTA, E. P. S. DA SILVA, A.T.V, SERAFIM, D.B.L O tabu social atrelado a sexualidade dos idosos: uma revisão sistemática. In: **VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENVELHECIMENTO HUMANO**, Campina Grande, 2019. Anais VI Congresso internacional de envelhecimento, Campina Grande: Editora Realize, 2019. Acessado em 17 de set. 2023. Online. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/53865>

DA MOTTA BRITTO, A. Envelhecimento e sentimento do corpo. In: COIMBRA JR. C. E. A., MYNAIO, M. C. S (Org.) **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011. 2, p.37-50. Acessado em 10 de set. de 2023. Online. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/d2frp/pdf/minayo-9788575413043.pdf>

DA SILVA UCHÔA, Yasmim et al. A sexualidade sob o olhar da pessoa idosa. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 19, n. 6, p. 939-949, 2016. Acessado em 14 de set. 2023. Acessado em 17 de set. 2023. Online. <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/7dtmjLMf3c4bHR8bgcQDFXg/abstract/?lang=pt#>